RICHARD GEORGE HENRIQUES - Em busca das suas raízes

Manuel da Silveira, mercador de sedas, com loja aberta na Rua Nova em Lisboa

António Júlio Andrade

Maria Fernanda Guimarães

Maria Ferraz Correia

Por 1650, na Rua Nova, em Lisboa, ganhava alguma relevância a loja dos Silveira, originários de Abrantes. Eram dois irmãos os proprietários da loja: Manuel e Estêvão. Um terceiro irmão era já falecido e a irmã Violante estava casada com um cristão velho, de boa linhagem, contador na Mesa da Consciência – um tribunal superior que funcionava na Corte, criado pelo rei D. João III e que tratava dos assuntos relacionados com as ordens religiosas e militares, capelas, mosteiros, universidade, etc. Tinham uma segunda irmã, Isabel Soares, que era casada com o mercador Marcos Dias Brandão. A vida matrimonial destes é que não corria lá muito bem, havendo notícias de infidelidade de Isabel ao marido. Não sabemos se foi por causa disso que ele a deixou e se abalou para o Brasil, fixando morada na Baía de Todos os Santos. E porque se tratava de uma família da boa sociedade burguesa, embora cristã nova, Isabel terá sido obrigada a meter-se no Recolhimento de S. Cristóvão, sendo o filho único do casal enviado para casa da avó em Abrantes, ao fim de uma curta estadia no Brasil junto do pai e depois que regressou, encontrando-se já presa a sua mãe. Em defesa do bom nome da família, parece mesmo que os dois irmãos tentaram apagá-la "mandando dar-lhe peçonha dando para isso dinheiro" – a fazer fé no testemunho de Manuel da Silveira.

A verdade é que, vivendo hospedada no Recolhimento, Isabel foi presa pela Inquisição. Em Setembro de 1656, acusada de seguir a lei de Moisés. O processo é deveras interessante para o estudo deste tipo de instituições especialmente destinadas a recolher, em regime de clausura, mulheres da nobreza que, em defesa da unidade das heranças das famílias, não deveriam casar mas que também não estavam dispostas a aceitar os rigores de um convento de freiras, nem davam garantias de um viver em sociedade sem cair nos braços de algum Romeu. A avaliar pelo mobiliário, roupa e outros objectos de uso pessoal que ali tinha, fica-se com a ideia de que o apartamento de Isabel do Recolhimento era uma verdadeira suite em hotel de luxo, contando até com uma criada privativa. No processo também sobrelevam as pequenas tricas entre as recolhidas, "as cizânias e enredos, de parte a parte, como ordinariamente sucede entre mulheres".

PANORÂMICA DA CIDADE DE LISBOA E DO RIO TEJO COM AS NAUS, ANTES DO TERRAMOTO DE 1755

Mas não é o processo de Isabel Soares que agora nos interessa, mas o impacto da sua prisão na vida dos mercadores seus irmãos, em especial na de Manuel da Silveira que nos parece ser o líder do grupo empresarial. Certamente que a prisão ficou pesando como uma espada de Dâmocles sobre a sua cabeça. Mais cedo ou mais tarde, as razões que levaram a irmã à cadeia podiam levá-lo a ele.

E também preso nas cadeias da Inquisição de Lisboa se encontrava então o mercador Diogo Álvares, de quem se falou num dos últimos textos deste jornal. E também ele representava um sério risco para Manuel da Silveira. Sim, também ele o podia denunciar, até mesmo por vingança. Recordam-se os leitores que Diogo era viúvo? Pois foi ele próprio que matou a mulher, dando-lhe uma dose de veneno. E matou-a porque ela o atraiçoara metendo-se em relações amorosas com Manuel da Silveira. Dizia-se até que um filho que ela dera à luz não era do marido mas do Silveira.

E outras prisões tinham sido feitas por aquele tampo no círculo de amigos e conhecidos de Manuel da Silveira, nomeadamente um Gonçalo Rodrigues da Cunha, com sua mulher e filhos. E havia quem dissesse "que esta gente do Gonçalo Rodrigues não havia de deixar nem os postes da Rua Nova que não trouxesse à Inquisição". Quer isto dizer que a generalidade dos moradores daquela rua eram judaizantes e todos corriam o risco de ser presos.

Contudo, o perigo maior espreitava de outro lado e tinha outro rosto: o de Manuel Cordeiro, um denunciante da pior espécie, um verdadeiro espia, metido entre os da sua nação. Estagiara anos antes na mesma cadeia, mas puseram-no em liberdade sem ir a qualquer auto de fé e declarando-o inocente.

Pois, este homem ter-se-á sabido insinuar e obtido a confiança de Manuel e Estêvão da Silveira, que o tinham por "conhecido e amigo há tantos anos" e com ele desabafavam e tinham conversas íntimas. Como aconteceu naquela tarde de 24 de Outubro de 1657, depois que fecharam a loja. Os irmãos Silveira contaram-lhe que, no último auto de fé que houvera em Lisboa, em Outubro do ano anterior, saíra processada uma mulher que estivera presa com sua irmã. E que essa mulher trouxera um recado que viera dar-lho ultimamente. E o recado era que a sua irmã os não tinha denunciado aos inquisidores e se mantinha negativa. Mas que não sabia se poderia aguentar até ao fim. Por isso, os aconselhava a que fugissem. E em prova de que a mulher falava verdade, trouxera um "gibão ou colete" que Isabel lhe confiara e ela trouxe vestido da prisão.

Manuel Cordeiro bem tentou arrancar-lhe o nome da tal mulher mas não conseguiu. Mas haveria de continuar a tentar, junto de outras pessoas das relações dos Silveira que estes... não demorariam a ser por ele denunciados e mandados prender pelo tribunal do Santo Ofício, como se verá.

Por agora continuemos a escutar aquela conversa dos Silveira com o Cordeiro e este a insinuar que o perigo era real e eles tinham dois caminhos à escolha. Um deles era a fuga para o estrangeiro, tal como a irmã aconselhava, no caso de terem culpas. O outro era apresentarem-se na Inquisição e provar que estavam inocentes, que os senhores logo os mandariam embora, como, aliás, acontecera consigo próprio.

Responderam os Silveira que não lhes convinha ausentarem-se do reino, pois que tudo tinham empenhado em fazendas que esperavam chegassem do Brasil na próxima frota – entre 40 e 50 mil cruzados, 25 a 30 contos de réis, o correspondente ao orçamento da Câmara de Lisboa por méis década!

Além de que, por "uma negra lei que no tribunal do Santo Ofício se tinha feito havia pouco tempo" se fugissem, todos os seus bens seriam sequestrados. Depois... "haveria de meter-se o diabo no corpo de sua irmã" para os denunciar?! – Terá comentado o Manuel, com alguma incredulidade e espanto.

Por outro lado, Manuel da Silveira era o maior benemérito da sua paróquia e espantou meia Lisboa quando mandou vir de Milão, Itália, um dossel para o altar do Santíssimo Sacramento da matriz, a igreja da Conceição, um dossel "de brocado de três altos, o mais rico que há nesta cidade". E isto entre muitas outras ofertas pias que os irmãos Silveira faziam. E alguém poderia duvidar da religião de um homem que todos os dias do ano fazia rezar missas na paróquia, como era o caso de Manuel da Silveira?!

Seria mesmo por devoção que Manuel da Silveira fazia tudo isto? Ou seria "para ir assim vivendo com o mundo"? Ele acreditaria mesmo no Santíssimo Sacramento ou mandava rezar missas "contra a vontade a festejar um bocado de pão"?

Estas últimas são palavras que Manuel Cordeiro disse ter ouvido da boca de Manuel da Silveira naquela conversa de que vimos falando e que ele, poucos dias depois, foi contar aos inquisidores e consta do processo instaurado a Manuel da Silveira, que, duas semanas depois, em 7 de Novembro de 1657, decidiu seguir o conselho do denunciante e apresentar-se no tribunal do Santo Ofício e ali ficou preso.

FONTES
Inquisição de Lisboa, processo n.º 9472, de Manuel da Silveira; processo n.º 553, de Isabel Soares.

RICHARD GEORGE HENRIQUES - Em busca das suas raízes

Manuel da Silveira, mercador de sedas, com loja aberta na Rua Nova em Lisboa

António Júlio Andrade
Maria Fernanda Guimarães
Maria Ferraz Correia

Voltamos à Inquisição de Lisboa onde no dia 31 de Outubro de 1657 se apresentou uma personagem bem conhecida dos senhores inquisidores, um cristão novo que virou espião daquele. Chamava-se Manuel Cordeiro e parece que sabia muito bem insinuar-se e ganhar a confiança dos "irmãos" que depois ia denunciar. A ele se aplicariam bem melhor as palavras que, em Abril passado, em outra sessão de denúncias, ele pusera na boca de outro e o promotor registou no seu caderno:

- Tinha assentado consigo (...) que não havia de deixar nem os postes da Rua Nova que não trouxesse à Inquisição!

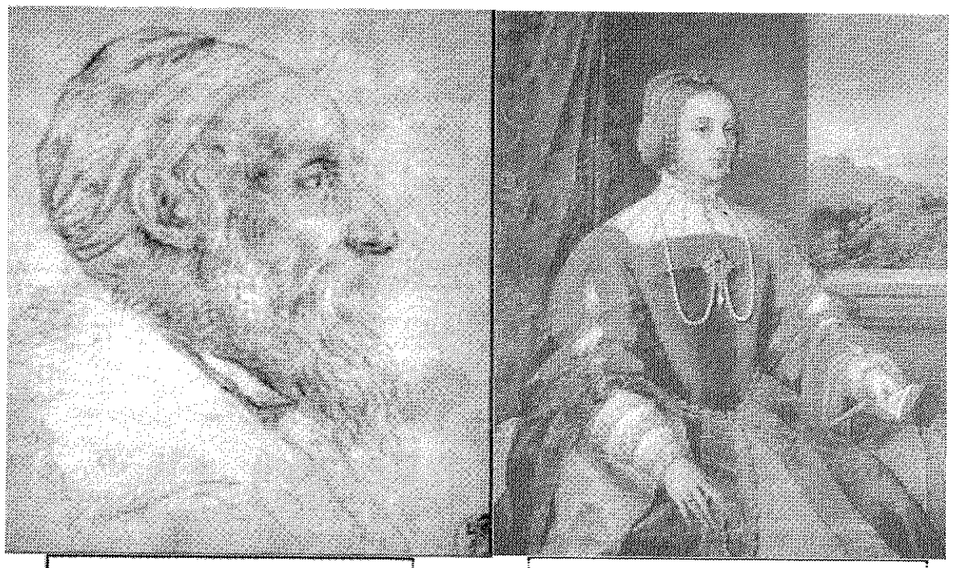
Desta vez, veio contar que uma mulher que ali estava presa mandou recado para fora da prisão a seus irmãos _ Manuel e Estêvão da Silveira – aconselhando-os a abandonar o país para não serem igualmente presos. Disse que foram os próprios que lhe contaram tudo, acrescentando que não tinham ainda fugido porque estavam à espera que chegasse a frota do Brasil, a qual lhes traria mercadorias no valor de uns 30 contos de réis – o equivalente a 3 orçamentos anuais da câmara de Lisboa naquela época.

Certamente que as mercadorias esperadas eram caixas de açúcar, fardos de tabaco e couros de bois, que de lá eram despachadas em paga de produtos que antes tinham enviado de Lisboa. Nestas transacções desempenhavam já um papel importante as letras e assentos de crédito e a confiança nos parceiros comerciais era fundamental.

Não é de crer que aqueles produtos se destinavam exclusivamente ao mercado interno. Possivelmente só uma pequena parte, seguindo a maioria para outros países. Isso mesmo se depreende do inventário dos bens feito por Manuel da Silveira que, dias depois daquela denúncia, ficou preso na Inquisição. De Lisboa.

Sabemos assim que, em simultâneo, esperava produtos remetidos de Holanda, em paga de açúcares que para lá enviara, da frota anterior, sendo ali seu correspondente Diogo Peres Caminha.

E sabemos que não era só para a Holanda e o Norte da Europa que M. Silveira exportava produtos portugueses e brasileiros.



Tiziano Vecellio | Isabel de Portugal

Tiziano Vecellio, Isabel de Portugal

A Imperatriz Isabel de Portugal, filha de D. Manuel I, irmã de D. João III, e mulher de Carlos V. Que, para além de lhe dedicar profunda afeição, depositava grande confiança no seu discernimento, nomeando-a regente durante os largos períodos em que se ausentava de Espanha. Em 1528 e 1533, primeiro, e de 1535 a 1538 novamente, enquanto o marido se ausentou, em guerra. Além disso, teve muita importância em relação à educação do seu primogénito, que viria a ser Filipe II de Espanha, e I de Portugal, de língua materna portuguesa, criado e educado pelas damas lusitanas de sua mãe durante a infância.

O quadro foi pintado por Tiziano. Retrata na perfeição a beleza delicada de Isabel, de que dão nota as crónicas da época. E são encantadores o elaborado penteado, as belíssimas jóias, o sumptuoso vestido. Está no *Museo del Prado*, em Madrid.

Foi longamente regente em nome de Carlos V,

E o mesmo acontecia com a Índia onde as compras e remessa de mercadorias eram feitas por Manuel Dias e Diogo da Fonseca.

Infelizmente o inventário não identifica os produtos importados de cada um dos pontos referidos e menos ainda o seu valor. Acreditamos, no entanto, que da Índia viriam especiarias, que do Norte da Europa predominavam os tecidos, os cereais e as ferrarias, que de Portugal seguissem vinho, azeite, sal...

Porém, há duas notas que não podemos deixar de referir. A primeira diz respeito à sua profissão: mercador de sedas. Sim, por muito valor que tivessem os açúcares brasileiros, as especiarias indianas... ele era tido como um mercador de sedas. Infelizmente o processo não permite conhecer os circuitos seguidos neste ramo de negócio por Manuel da Silveira.

A segunda nota que achamos importante, respeita ao mercado de arte. Sim, faltam entre nós estudos sobre este ramo de comércio. Mas temos razões para acreditar que também aqui os marranos portugueses desempenharam papel importante. Nos nossos trabalhos encontrámos alguns exemplos. Vamos citar 3 casos, retirados de processos da Inquisição por nós estudados.

1 - Manuel Rodrigues Isidro, um marrano de Torre de Moncorvo, com loja de mercador estabelecida no Porto, quando foi preso disse que tinha "18 painéis de Bruxelas, ou 24 (...) e 2 lâminas, uma da Visitação de Nossa Senhora e outra de Nossa Senhora das Graças, esta guarnecida de prata"

2 – António Rodrigues Mogadouro, um grande mercador trasmontano, de nível europeu, estabelecido em Lisboa, preso em 1672 tinha em casa 12 painéis importados da Flandres, entre várias outras pinturas.

3 – Pêro Henriques Julião, rendeiro, morador em Torre de Moncorvo, estando preso nas masmorras da Inquisição, acusado de judaísmo, alegou em sua defesa que "em um retábulo que se fés na igreja matriz de Torre de Moncorvo, mandou ele fazer um painel do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Voltando ao nosso mercador de sedas Manuel da Silveira, vejam-se os objectos de arte arrolados entre os móveis de sua casa, na altura da sua prisão:

- Umas lâminas de cobre de Nossa Senhora.
- Mais 12 ou 15 de diversas figuras, umas de pau e outras em cobre.
- 4 painéis de paisagens, grandes.
- Outro painel de retrato.
- Outro de Nossa Senhora do Pópulo.
- Outro da Penha de França.
- Outro de Cristo Crucificado.
- Outro de Nossa Senhora das Graças, com engastes de prata.

Refira-se que todos estes objectos eram importados de Itália, excepto o "retrato de paisagem", conforme se refere no processo. Também de Itália, foram importados e foram arrolados mais os seguintes:

- Uma figura de Cristo no horto com os apóstolos, avaliado em quantia considerável, por ser obra de Ticiano.
- Mais uma imagem de Cristo, de bronze, de Nossa Senhora e Jesus, do mesmo Ticiano, tudo dourado com meruges de pau preto, com engastes de prata.

Alguém saberá em que museu ou colecção privada se encontrarão hoje estas obras de Ticiano... Possivelmente veriam o seu valor acrescentado, de acordo com a história, ao menos em círculos judeus e marranos.

FONTES
Inquisição de Lisboa, processo nº 9472, de Manuel da Silveira.
Idem, processo 6707, de Manuel Rodrigues Isidro.
Idem, processo 5412, de António Rodrigues Mogadouro.
Inquisição de Coimbra, processo 5814, de Pêro Henriques Julião.